



# ENTREVISTA COM KATIA DE ABREU CHULATA - (UD'A, PESCARA/ITÁLIA)

Mônica Maria dos Santos 1

Katia de Abreu Chulata é graduada em Letras pela Universidade de São Paulo e Doutora em Estudos Linguísticos, histórico-literários e culturais pela Università degli Studi del Salento (Itália). Foi professora de Língua e Literatura Italiana na UNESP (Araraquara) e professora de italiano no Instituto Italiano de Cultura de São Paulo. Atuou como Leitora de Língua Portuguesa, de 1996 a 2002, na Università degli Studi di Bari (Itália). Professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira e Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi del Salento, de 2006 a 2013. É Professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi “G. d’Annunzio”, Chieti-Pescara. Coordenadora, do lado italiano, do Projeto MEC-SECADI-Capes – Promoção, Difusão e Valorização do Português Brasileiro em Comunidades Minoritárias: Aspectos Sociais, Políticos e Linguísticos. Participou do GELCO do II Encontro Internacional e VII Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-oeste (GELCO), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia, realizado entre os dias 30 de agosto a 1 de setembro de 2017, com excelentes contribuições.

Professora Katia, inicialmente agradecemos sua participação e informamos que essa entrevista será utilizada como abertura de uma das publicações dos trabalhos apresentados no GELCO 2017, em parceria com a *Revista Humanidades*, da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS.

**M.M. Santos:** De Katia por Katia: Quem é a Kátia de Abreu Chulata, a brasileira que conquistou um espaço especial no ensino de Língua Portuguesa e Literatura, na Itália (como seu caminho acadêmico foi construído)?

**K. A. Chulata:** Primeiramente, agradeço muito pelo convite para participar do GELCO e dessa importante publicação. Meu caminho acadêmico na Itália, como professora de Língua portuguesa e de Literaturas portuguesa e brasileira foi muito diversificado. Como disse uma vez, durante a abertura do V SIMELP Lecce, em 2015, foi necessário lutar «contra as dificuldades de se ensinar a própria língua no estrangeiro, muitas vezes, sem apoio institucional, sem livros para os alunos, aparentemente, sem nada. E foi desse nada que comecei a mostrar o que havia no meu país e como era a minha língua. Fui me misturando, pluralizando e “inter-culturando” neste país, com este país. Foi aqui que comecei a perceber que meus estudos, realizados na USP, tinham que ser remanejados, adaptados a uma realidade acadêmica que muitas vezes considera a língua portuguesa como língua “menor”. Hoje, como naquela ocasião, considero que o problema principal, entretanto, não é a grande ou pouca consideração que um determinado meio acadêmico dá à disciplina, mas é o grande choque cultural, metodológico e científico que se dá nessa mudança de contexto acadêmico. Tive que adaptar não somente conteúdos, mas adaptar e adaptar-me às necessidades que não são sempre as mesmas de uma universidade italiana para outra. Passei por vários cargos em várias universidades em que a língua portuguesa tem maior ou menor prestígio. Esse prestígio não depende do alcance da língua, da cultura, da literatura, das artes, mas do prestígio que cada professor de português detém no próprio departamento. São as políticas internas que vão favorecer ou desfavorecer nossa ação como professores de português para dar mais espaço ao ensino e às atividades de língua portuguesa. O papel do leitor de língua estrangeira, por exemplo, não tem espaço acadêmico, sua ação é subalterna em relação ao Professor, que determina conteúdos e escolhe caminhos metodológicos, na maior parte das vezes. Apesar dessa posição na hierarquia universitária italiana, é determinante o papel do leitor que, no espaço da sala de aula, põe em prática suas habilidades didática, mostra sua competência na escolha de materiais diversificados do ponto de vista linguístico e cultural, remanejando seu background intelectual. Fui leitora de português por seis anos na Universidade de Bari e sei bem isso: o leitor não tem espaço político acadêmico, mas seu desempenho na sala de aula e a empatia que pode estabelecer com os alunos leva, certamente, a um aumento do interesse pelo português e pelas línguas/culturas dos países de língua portuguesa. Há, também, grande diferença de postura teórica e metodológica no caso dos professores responsáveis pela disciplina: podem ser professores italianos com formação pautada no perfil português, ou no perfil brasileiro, ou, ainda podem ser professores “nativos”, como no meu caso, com formação no Brasil e/ou na Itália e em outros países.

Além disso, aqui na Itália, ensinamos tópicos da língua e da literatura segundo as necessidades programáticas do panorama europeu, com foco nos objetivos do Quadro Comum Europeu de

referência das línguas e segundo as exigências do contexto de cada universidade e departamento. No específico da língua portuguesa, outro grande problema é que não é uma língua ensinada nas escolas italianas. Assim, não há “mercado” para essa língua, é algo mais restrito. A procura por essa disciplina dentro das universidades fica por conta das paixões pessoais, dos contextos específicos, muitas vezes é uma escolha ditada pelo pertencimento: alunos descendentes de brasileiros ou falantes de língua portuguesa procuram os cursos de PLE e, assim sendo, na verdade, o caso desses alunos é de português como língua de herança (PLH). Isso me levou a desenvolver pesquisa na Ud'A sobre a “comunidade de fala brasileira em Pescara”, ou seja o Português como Língua de Herança.

Ultimamente, há um movimento de agregação dos professores de português na Itália. O prof. Gian Luigi De Rosa, da Unisalento, tem organizado todos os anos, na Embaixada do Brasil em Roma, encontros acadêmico-científicos que contam com a participação de praticamente todos os professores de português das universidades italianas que dialogam entre si e com professores e pesquisadores brasileiros de importantes universidades. É uma verdadeira conquista humana e acadêmica, não somente para nós que atuamos na Itália. A discussão é ampla e enriquece também o trabalho dos colegas das universidades brasileiras.

**M.M. Santos:** Como nasceu o projeto: “Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao redor do mundo”? Qual a importância desta organização para a divulgação científica da língua portuguesa ao redor mundo?

**K. A. Chulata:** Na verdade, o REDE não é uma organização. O projeto REDE nasceu dentro do Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - SIMELP, em 2008, em São Paulo, cuja presidência foi da Prof.a Maria Célia Lima-Hernandes. Nos reunimos para conversar sobre nossas experiências de ensino e pesquisa em língua portuguesa nas universidades em cujos respectivos países residíamos e nasceram várias parcerias. Começamos a nos encontrar em videoconferências, aliás a primeira aconteceu com a Universidade de Lecce, quando ainda lecionava naquela instituição. Houve encontros com o Brasil, Portugal, Finlândia, Macau, França, entre outros países. Em cada videoconferência nasceu um projeto de pesquisa, participavam pesquisadores e nossos alunos, muitas vezes, assistiam às conferências. Assim, eram eventos científicos e didáticos ao mesmo tempo. Aos poucos o projeto foi se mostrando, tomando seus rumos. Foram realizadas várias publicações, dentre elas *Língua portuguesa em foco: ensino/aprendizagem, pesquisa e tradução*, livro publicado em português na Itália, com a editora PensaMultimedia, de Lecce, em 2010, organizado por mim e pela Prof.a Maria Célia Lima-Hernandes, da USP. A rede do REDE (desculpem o jogo de palavras) foi se ramificando, produzindo produtos e interesses de pesquisa diversificados. Assim, nasceu o REDE com a Prof.a Vânia Cristina Casseb-Galvão, da UFG. No meu caso, fui me tornando a referência desse projeto aqui na Itália, englobando outras universidades italianas. Hoje, aqui na Università degli Studi “Gabriele d’Annunzio” (Ud'A), recebemos doutorandos e alunos da Licenciatura, orientamos seus trabalhos, fomentamos o intercâmbio de experiências entre eles e os alunos italianos de português. Tudo isso, graças ao projeto REDE, cuja líder principal é a Prof.a Vânia Cristina Casseb-Galvão, com quem tenho desenvolvido vários micro-projetos dentro do projeto REDE, dentre os quais se sobressaem publicações, parcerias científicas e cursos que ela ministrou aqui na “Ud'A”.

**M.M. Santos:** Fale sobre a importância de sua atuação como Professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira na Università degli Studi “G. d’Annunzio”, Chieti-Pescara, Itália.

**K. A. Chulata:** Não sei se é importante minha atuação na “Ud'A”... Como disse na resposta à pergunta anterior, o Português como Língua de Herança é o lado novo como pesquisa acadêmica, em geral e na “d’Annunzio”. Tudo aconteceu a partir de um erro metodológico. Explico-me melhor: quando cheguei aqui, em 2014, encontrei nos cursos de língua portuguesa vários alunos brasileiros, descendentes de brasileiros e italianos com alguma ligação ou vivência relacionada ao Brasil. Como se sabe, os cursos das universidades são de português como língua estrangeira, formação superior, complexa e muito mais completa do ponto de vista teórico. Não se trata de aprender a língua, o instrumental, aprender a escrever, a ler a falar. A metalinguagem é fundamental para um ensino crítico do português, a compreensão da realidade sociolinguística do português, da complexidade

do panorama sociolinguístico brasileiro, etc. De qualquer maneira, é um ensino voltado para alunos que têm o português como língua estrangeira, nem materna nem de herança. Geralmente, temos um ou outro aluno brasileiro nos cursos de português nas universidades e, muitas vezes, não têm ótimo desempenho, pelo menos é o que a maior parte de meus colegas dizem e eu também pude constatar isso. Só que nos meus cursos da d'Annunzio, os alunos brasileiros ou descendentes eram muitos. Usei a didática e a programação de PLE que geralmente usamos na universidade. O desempenho dos brasileiros e descendentes não foi dos melhores e comecei a me questionar sobre isso. Apesar de formar alunos para o ensino de PLE e, assim, encarar o português como língua estrangeira era preciso compreender que na sala de aula, os alunos presentes não tinham o português como língua estrangeira, não era uma língua estrangeira para eles, no sentido que não era a língua do outro: a língua era, de alguma maneira, deles, pertencia a eles. Como tratar de uma língua que não é estranha como se ela fosse estrangeira? Assim, peguei nos estudos de Jacques Derrida, Julia Kristeva, Jacques Lacan e outros, além dos estudos que já tinha feito sobre questões de tradução, principalmente ligadas à identidade linguística, e comecei a repensar o ensino de PLE até chegar às questões e aos estudos de português como língua de herança (PLH). Sobre identidade linguística, tradução e PLH, acabei publicando na Itália, um estudo sobre a identidade do tradutor, *// traduttore: mito e decostruzione di una identità*, publicado com a editora LED em 2016 e, *Português como Língua de Herança - discursos e percursos*, com PensaMultimedia, em 2015. O de 2016 está disponível on-line <<http://www.ledonline.it/Il-Segno-le-Lettere/index.php?pg=/Il-Segno-le-Lettere/788-Traduttore-Mito-Decostruzione.html>> e é uma publicação do Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne, de que faço parte, atualmente.

Depois dessas publicações e do meu interesse pelo PLH como pesquisa acadêmica, fui premiada com o financiamento por parte da Università "G. d'Annunzio" para realizar minha atual pesquisa sobre PLH, que, na verdade, já tinha começado de alguma maneira em 2008, quando realizei pesquisa sobre crianças brasileiras adotadas, sobre questões linguísticas e identitárias das crianças brasileiras que eram trazidas para a Itália por meio da adoção.

Outro traço distintivo da minha atuação na "d'Annunzio" é, sem dúvida, o intercâmbio com estudantes e professores por conta do Projeto REDE. Graças ao Projeto, chegam todos os anos em Pescara doutorandos e alunos da licenciatura para fazerem suas pesquisas e conhecerem uma realidade acadêmica e cultural diferente. Meus alunos e meus colegas têm a possibilidade de se confrontar com os alunos e professores brasileiros que chegam, através de seminários que eles realizam, de encontros informais que acontecem também. Assim, o REDE além de produzir conhecimento através das pesquisas, das publicações, também produz troca intelectual e humana.

Temos convênios com universidades brasileiras e acordos Erasmus, que estabelecem a mobilidade de alunos e professores entre as Universidades europeias. Enfim, meu trabalho na "d'Annunzio" se realiza na confluência da docência, da pesquisa e da extensão. Isso para mim é importante não só porque essa é a verdadeira missão da universidade, mas porque esse trabalho se realiza em prol da língua e da cultura brasileiras.

**M.M. Santos:** Professora Katia, sua participação no GELCO 2017 despertou nos participantes um novo olhar sobre abrangência do ensino da Língua Portuguesa. Como os professores e pesquisadores da Língua Portuguesa podem contribuir e/ou vincular-se ao projeto: "Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao redor do mundo"?

**K. A. Chulata:** O REDE está passando por uma nova fase: a produção científica dos resultados que esse grande projeto realizou. A Prof<sup>a</sup>. Vânia Cristina Casseb-Galvão e eu temos publicado esses resultados, na Itália e no Brasil. Assim, agora temos tanto material para ser compartilhado com a comunidade científica sobre a troca de experiências, sobre verdadeiras descobertas metodológicas e teóricas que foram se mostrando nesses anos do REDE, que se formou em 2013. Novos projetos vão nascer, com certeza, por conta do que o REDE fez. Assim, outros pesquisadores vão se identificar com interesses científicos de pesquisadores brasileiros e de outros países, outros alunos virão para a Itália para estudarem e conhecerem nossa realidade acadêmica e mostrar aos nossos alunos italianos a realidade deles através dos seminários que eles realizam sob minha orientação, para que se apliquem os conhecimentos deles à necessidade do aluno estrangeiro. A mudança de paradigma no ensino da língua portuguesa é o que mais impressiona os doutorandos e alunos

brasileiros quando chegam aqui. Aparentemente nossas realidades são semelhantes, mas a vivência demonstra que a universidade aqui utiliza os conhecimentos teóricos de maneira completamente diferente, instaura uma relação entre o objeto e o saber sobre ele completamente diferente.

Quem tiver interesse em fazer parte dessa grande inovação para lidar com a diferença, com a alteridade e a alteridade acadêmica, que é o mundo dos Projetos, e o REDE é daqueles projetos que deu certo graças à curiosidade em aprender que a Prof<sup>a</sup>. Vânia e eu temos, tem o pressuposto necessário para participar.

**M.M. Santos:** Qual a importância do financiamento de Agências de Fomento de Pesquisa e divulgação científica e do apoio de Pró-reitorias, especialmente de pesquisa e pós-graduação na produção de eventos como o GELCO?

**K. A. Chulata:** Acho que é fundamental, pois compreender a importância de financiar eventos como o GELCO, em que são compartilhados saberes, línguas, culturas, experiências humanas pertence à ordem da ética social. As Agências de Fomento à Pesquisa têm como missão promover a pesquisa científica e eventos como esse têm o mérito de fazer com que pesquisadores compartilhem estudos, projetos, experiências que na maior parte das vezes provoca interesse de outros pesquisadores. Assim, nascem novos interesses e se descobrem orientações novas ou se confirmam intuições no próprio âmbito de pesquisa. Isso é riqueza e democracia.

**M.M. Santos:** Em linhas gerais, como a senhora avalia a realização do GELCO 2017, um evento de caráter internacional na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia em Barra do Garças?

**K. A. Chulata:** Foi uma experiência totalmente nova para mim participar de um evento numa universidade com tamanha diversidade cultural, com uma participação da comunidade acadêmica tão “brasileira”, no sentido anticonvencional da Academia: a universidade que “fala” com a comunidade, que cria um espaço que engloba, não separa, que trabalha na e com a heterogeneidade. Vivenciei um contexto em que a homogeneidade não impera, pelo contrário, etnias, línguas e paisagens se multiplicam, assim complexificando o ensino e a pesquisa. Foi maravilhoso descobrir uma nova postura para tratar de teorias e metodologias, uma postura aberta e respeitosa das diferenças que promove o conhecimento científico de sua comunidade. Foi uma honra para mim fazer a conferência de abertura para um público que, na verdade, mais me ensinou do que me escutou. Agradeço, mais uma vez, a oportunidade de ter feito parte do GELCO e de ter conhecido esse território rico de um Brasil que, muitas vezes, não se conhece como centro de riqueza científica e que pode contribuir para a democracia no Brasil.

Muito obrigada por sua participação no GELCO e por nos conceder esta entrevista.

Prof.<sup>a</sup> Me. Mônica Maria dos Santos -Universidade Federal de Mato Grosso  
Campus Universitário do Araguaia

Barra do Garças/MT, 22 de fevereiro de 2018.